

# “Sujeitai a Terra” — acerca da Mitologia do Poder

Erhard S. Gerstenberger

## 1

Quando os espanhóis, em conseqüência dos assim chamados “descobrimientos” de Colombo, se puseram a tomar posse de um continente fabulosamente grande e rico, criaram logo um procedimento que iria tranquilizar também as consciências inquietas. Desde 1513, os “índios” com os quais um grupo de expedicionários se deparava eram reunidos, juntamente com seus caciques. Um escrivão real lia, em nome do oficial comandante e de Sua Majestade na distante Espanha, a seguinte mensagem:

Da parte do muito alto, muito poderoso e muito católico defensor da Igreja, sempre vencedor e nunca vencido, o grande rei Dom Fernando V das Espanhas, domador de povos bárbaros, e da muito alta e muito poderosa senhora, a rainha Dona Joana (...) nossos senhores. Eu, Pedrarias Dávila, seu criado, mensageiro e capitão, vos notifico e faço saber como melhor posso que Deus Nosso Senhor, uno e eterno, criou o céu e a terra e um homem e uma mulher, de quem nós e vós e todos os homens do mundo foram e são descendentes e procriados, e todos os que depois de nós vierem; mas devido à multidão da geração que seguiu-se destes desde mais de cinco mil anos que o mundo foi criado, foi necessário que alguns homens fossem para uma parte e outros para outra e se dividissem por muitos reinos e províncias, pois numa só não poderiam se sustentar nem conservar.

De todas estas pessoas Nosso Senhor encarregou um, que foi chamado São Pedro, para que de todos os homens do mundo fosse senhor e superior, a quem todos obedecessem e fosse cabeça de toda a linhagem humana onde quer que os homens vivessem e estivessem, e em qualquer lei, seita ou crença, e lhe deu todo o mundo como seu reino, domínio e jurisdição.

E mandou-lhe que pusesse sua sede em Roma, como lugar mais apropriado para reger o mundo, mas também lhe permitiu que pudesse estar e pôr sua sede em qualquer outra parte do mundo, e julgar e governar todos os povos, cristãos, mouros, judeus, gentios, e de qualquer outra seita ou crença que fossem.

A este chamaram Papa, que quer dizer admirável, maior, pai e guardador, porque é Pai e governador de todos os homens.

Tomaram este São Pedro por senhor, rei e superior do universo os que naquele tempo viviam, e do mesmo modo tiveram todos os outros que depois deles foram eleitos ao pontificado; assim se continuou até agora e se continuará até que o mundo se acabe.<sup>1</sup>

O texto continua, em estilo verboso, descrevendo as pretensões do papa de então e sustentando a transferência e execução de todos esses direitos pela coroa espanhola. Então segue-se o ultimato aos “selvagens”, que naturalmente não podiam entender uma única sílaba do que lhes havia sido exposto: caso se submetessem incondicionalmente às tropas espanholas e se deixassem escravizar, não lhes aconteceria nenhum mal em sentido imediato. Do contrário haveria guerra e os soldados estavam prontos para aprisionar ou massacrar a população mediante uso de violência.

Esse *requerimiento*, a “conclamação à submissão”, que foi substituído pelas “novas leis” em 1542/43, é um espelho daquela época e da fundamentação ibérica das pretensões de poder dos europeus. Deus o Criador quis tudo assim — simplesmente não se pode recuar mais para trás na história da terra; naquela época ainda se acreditava que o universo tinha 5.000 anos de idade. Deus havia criado os seres humanos e, pouco depois, instituído Pedro como papa e governante do mundo. Muitos teólogos medievais já haviam antes pretendido tornar esse plano salvífico divino mais compreensível ao responsabilizarem — por incumbência dos papas ou sob sua influência — a queda no pecado, ocorrida no início, por essa medida emergencial de Deus. Visto que a humanidade não podia governar a si mesma em seus reinos e províncias, um chefe espiritual-mundano teve que entrar em cena, e esse chefe era justamente Pedro (cf. já Mt 16.19: Jesus diz a seu discípulo: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”). Portanto, na figura de Pedro o bispo de Roma fundamentava sua posição de primazia dentro da Igreja toda e sua pretensão de poder mundano no sentido de ser o supremo senhor de todos os senhores. Afinal, ele havia sido destinado a isso por Cristo e Deus mesmo. A criação era livrada e conduzida à salvação através do papa e da Igreja<sup>2</sup>. Oriundas da época do *requerimiento*, as bulas e comunicados do papa Alexandre VI atestam a mesma estratégia de ocupar o pináculo do poder no mundo em ampliação<sup>3</sup>. Para nosso propósito é importante perceber o arraigamento dessa pretensão na criação, retrocedendo para trás do evento relacionado a Pedro. Implícita no pano de fundo está a narrativa bíblica da criação. Deus deu uma tarefa aos seres humanos, mas eles não a conseguiram executar devidamente. Por conseguinte, a Igreja precisou entrar no modelo de ação e senhorio correspondente à criação.

A partir da perspectiva hodierna, a partir de um mundo que aprendeu um pouquinho a encarar com desconfiança pretensões de domínio mundial, podemos até ficar atônitos: como é possível que pessoas reivindiquem com tal descaramento a terra e os direitos vitais de outros povos? Acaso se sustenta, naquela época ou nos tempos atuais, a argumentação que pretende provar a sujeição de outros povos sob o poder de qualquer povo de senhores? Sabemos, a partir da história da humanidade, que desde tempos imemoriais se têm empreendido expedições de conquista nas áreas de outras tribos e povos. Esse fato não deve nos induzir a encarar quaisquer subjugações como naturalmente necessárias e inevitáveis.

Temos, ao contrário, o dever humano — no interesse da humanidade como um todo e principalmente no interesse de todos os grupos e povos oprimidos — de investigar e refutar as legitimações dos dominantes. O abuso da Bíblia para a legitimação de privilégios e pretensões de domínio é, nesse contexto, um problema especificamente cristão. Críticos da Igreja como Karlheinz Deschner<sup>4</sup> e Carl Amery<sup>5</sup> apontam para isso com razão. O livro sagrado teria a função de emprestar sua autoridade aos detentores do poder. Faz parte das mais urgentes tarefas da teologia a de velar de modo autocrítico para que a atual vontade de poder não se revista do manto da aprovação divina.

## 2

Deixamos de lado por ora a instituição de Pedro como governante do mundo, bem como a “ordem missionária” de Jesus. A análise da narrativa sobre Pedro de Mt 16 e do envio dos discípulos de Mt 28 é uma tarefa que cabe a meus colegas do Novo Testamento. Vamos nos concentrar no enunciado mais fundamental e mais antigo de Gn 1. Ocorre que aí parece ser dado ao legendário primeiro casal humano certo poder ou autoridade fundamental sobre as demais criaturas. O que quer dizer isso?

Lemos primeiramente o trecho de Gn 1.24-31 e nos lembramos que a primeira estória da criação da Bíblia (existem duas delas; cf. o capítulo seguinte, Gn 2) narra a criação do universo em seis trabalhos diários de Deus. No primeiro dia surge a luz, no segundo o céu (como abóbada fixa que separa o oceano celeste do oceano do mundo inferior, represando assim o caos e possibilitando a ordem), no terceiro dia a chapa fixa da terra e as plantas que crescem sobre ela, no quarto o sol, a lua e as estrelas, no quinto os animais aquáticos e aves. E então se chama o sexto dia de trabalho de Deus:

E disse Deus: Produza a terra animais viventes, cada um segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, cada um segundo sua espécie. E assim se fez. E Deus fez os animais selváticos, cada um segundo sua espécie, e os animais domésticos conforme sua espécie e todos os répteis da terra conforme sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

26) E disse Deus: Façamos seres humanos, uma imagem que nos seja semelhante, [que dominem (em hebraico: *radah*, “calcar aos pés”) sobre os peixes no mar e sobre as aves sob os céus e sobre os animais domésticos e sobre todos os animais selváticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.] 27) Criou Deus, pois, o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; [e homem e mulher os criou.] 28) E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos e enchei a terra [e sujeitai-a (em hebraico: *kabas*, “escravizar”) e dominai (em hebraico: *radah*) sobre os peixes no mar e sobre as aves sob os céus e sobre os animais domésticos e sobre todos os animais que rastejam pela terra.]

E disse Deus: Eis que vos tenho dado todas as plantas que dão semente, em toda

a terra, e todas as árvores com frutos que dão semente, para mantimento vosso. Mas a todos os animais da terra e a todas as aves sob os céus e a todos os répteis que vivem na terra dei erva verde para seu mantimento. E assim se fez. Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia. (Gn 1.24-31, segundo a tradução revista de Lutero de 1956/64.)

Temos aqui diante de nós um texto central da Bíblia e da compreensão judaico-cristã da natureza. Carl Amery é um dos mais severos críticos da interpretação de mundo que crê encontrar nesse texto. A contraposição polar do ser humano e da natureza a ser dominada teria sido a funesta conclamação à atual destruição do mundo. Em Gn 1.26-28, na “criação à imagem de Deus” e na subjugação de todo o mundo animal “sob os pés” do ser humano (como reza a dura expressão do texto bíblico, que não significa outra coisa do que “forçar a prestar serviços de escravo”), teria se expresso a autoconsciência inflacionada, doentia e atualmente causadora de morte coletiva de uma comunidade religiosa da Antiguidade que teria perdido toda reverência pela vida e toda consciência da própria condição de criatura, substituindo-as por mero interesse pelo poder<sup>6</sup>.

Examinemos esse texto brevemente sob um prisma exegético e verifiquemos se ele de fato merece um juízo assim. Quero lembrar expressamente que a estória da criação como um todo teve a função de legitimar a pretensão de domínio cristã no séc. XVI. Mas será que as palavras a respeito da criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus e a respeito do poder humano de dispor dos animais foram compreendidas corretamente por Carl Amery e pelos conquistadores espanhóis? Creio que não.

a) Segundo Gn 1, o ser humano é criado no sexto dia juntamente com todos os animais terrestres, desde o verme até o gado. Originalmente, portanto, ambos os grupos de seres vivos parecem estar lado a lado: também se atribuem a eles formas de alimentação separadas, determinadas com toda a exatidão: plantas e árvores que dão semente para o ser humano; plantas à semelhança de capim e ervas para todos os animais (vv. 29s.). Tudo depõe em favor de uma coexistência pacífica entre ambos, que também é delineada como estado ideal em Sl 104.

b) As palavras duras acerca do domínio humano sobre os animais, do gesto faraônico de “calcar aos pés” e “escravizar” (cf. Sl 110.1)<sup>7</sup> e do “cultivo violento” da terra — originalmente uma divindade feminina<sup>8</sup>! — introduzem-se de modo perturbador no quadro pacífico da coexistência entre o ser humano e a natureza. A rigor é só depois do dilúvio que — na esteira das narrativas de Gênesis provenientes do âmbito da tradição sacerdotal — surgiu a oportunidade de fazer com que o relacionamento entre o ser humano e o animal se transformasse em inimizade: “Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra...” (Gn 9.3). Agora se permite matar animais (v. 3: “Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento...”). A ordem de dominá-los é repetida de outra forma: “nas vossas mãos (= poder!) serão entregues os animais!” (V. 2.)

c) No esquema dos sete dias, o ser humano é criado no sexto dia de

trabalho de Deus após e ao lado dos animais terrestres, mas isso não o eleva automaticamente à condição de coroa da criação. Pois no sétimo dia Javé não apenas descansa; antes, cria uma grandeza superior ao ser humano, o sábado. Ele é tão sagrado que a pessoa que o infringir ou desprezar precisa necessariamente morrer (é o que se diz em Nm 15.32-36). Um homem que só ajuntar lenha num sábado será apedrejado: precisa morrer por causa do sábado<sup>9</sup>.

d) De tudo isso se segue que a brutal incumbência de domínio em Gn 1.26,28 é uma interpolação secundária. Se a retirarmos do atual contexto, apresenta-se-nos um texto muito mais uniforme:

Disse Deus: Vamos fazer seres humanos à nossa imagem, à nossa semelhança. Então Deus criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou. Então Deus abençoou os seres humanos e lhes disse: Sede fecundos, e multiplicai-vos, e enchei a terra. E lhes disse ainda: Eis que vos tenho dado todas as plantas que dão semente na terra e todas as árvores com fruto para mantimento vosso. Aos animais selváticos, porém, e às aves e a todos os répteis da terra — a todos os seres em que há fôlego de vida — dei as plantas para mantimento. (Gn 1.26-30.)

e) Com o que, porém, está motivada a interpolação de um poder irrestrito de usar os animais ao bel-prazer? Existe um salmo que fala do poder humano em tom semelhante ao da assim chamada “incumbência de domínio” sobre os animais (Gn 1):

Faltaria só pouco, e ele (o ser humano!!) seria Deus!

Poder e glória lhe conferiste.

Tu o deixas dominar sobre tuas criaturas! (Em hebraico: *masal*, “governar”.)

Tudo colocaste sob seus pés, (em hebraico: *natan tahat raglim*)

ovelhas e rebanhos de gado

e também os animais do campo;

as aves do céu e os peixes que percorrem os mares. (Sl 8.6-9.)

Trata-se de um salmo que celebra com exaltação o poder humano, talvez dentro de um ritual de puberdade (diríamos hoje: de um culto de confirmação). Esse é o lugar em que as capacidades e talentos do ser humano são expressas com admiração, distinguindo-o de todas as criaturas. E o poder de dispor dos animais visa exatamente aquilo de que o texto originário de Gn 1.26-28 ainda nada podia saber: os animais estão entregues ao ser humano totalmente, ou seja, também para serem mortos e usados, para serem sacrificados e empregados no trabalho. Ele pode dispor dos animais como melhor lhe parecer, pode usá-los vivos ou mortos.

f) Então, porém, precisamos tirar a conclusão adicional de que a contradição entre a existência paradisíaco-vegetariana de Gn 1 e a vida real iniciada com Gn 9 após o dilúvio deve ter parecido grande demais para um copiadador do texto mais antigo e pacífico da narrativa da criação. Antecipando-se a essa brutal realidade presente, ele já incluiu na estória da criação a “incumbência de domí-

nio” sobre os animais, e o fez principalmente com vistas à alimentação com carne e à vital prática de sacrifícios.

g) Percebe-se a diferença das interpretações: Gn 1.26-28 não visa, nem originalmente nem na ampliação secundária, uma ordem genérica de subjugação e exploração do mundo animal e da terra. A primeira versão reconhecível da criação humana fala de uma integração pacífica do ser humano no mundo criatural. A segunda versão não quer outra coisa do que expressar a realidade cruenta: o ser humano mata animais para manter sua vida e obriga a terra a alimentá-lo com sua força doadora de vida. De fato, ele precisa empregar violência, se quiser viver. Entretanto, não existe nem sequer a menor indicação de conquistas coloniais e da submissão de outros povos na estória da criação.

### 3

Voltamos à época moderna. Desde o Renascimento e o humanismo o ser humano se tornou, em grau crescente, um pequeno deus, que queria tomar sua vida em suas próprias mãos, que se sentia apto e chamado a transformar a natureza num campo ilimitado de experimentação de suas capacidades, que, como sujeito pensante, concebeu o mundo e a si mesmo de maneira nova e, agindo com criatividade, conseguiu lidar com a matéria animada e inanimada de acordo com suas próprias idéias. E mais: existem numerosas teorias filosóficas e antropológicas segundo as quais ele precisa refinar a natureza bruta e só assim criar a si mesmo realmente como ser humano<sup>10</sup>. A “era dos descobrimentos” é resultado direto da compreensão modificada do mundo<sup>11</sup>. Quem se aproximar do texto bíblico com essas premissas modernas da onipotência humana facilmente projetará suas próprias expectativas e esperanças para dentro do texto e também as depreenderá dele. Toda leitura e interpretação trabalham com a “projeção” de idéias para dentro de textos já existentes. Por isso é crucialmente importante aprender a ler de modo crítico e poder distinguir a projeção do enunciado original, justamente com vistas ao livro sagrado e sua história interpretativa.

Na era dos descobrimentos, do Renascimento, do humanismo, da Reforma e da colonização incipiente mudou, portanto, o quadro contemplativo da Idade Média. Talvez impelida pelas experiências das cruzadas e da reconquista espanhola, a descrição filosófica da superioridade do ser humano sobre o reino animal adquiriu um traço expansivo, imperial. Marcilio Ficino, um dos novos eruditos daquela época (1433-1499), era de opinião que o ser humano seria uma espécie de deus frente aos animais e aos elementos<sup>12</sup>. A bênção prometida em Gênesis tinha que ser realizada de modo ativo. O senhorio humano, concebido em termos essenciais e abrangentes, devia ser efetivado, em termos de tempo e espaço, na submissão de “toda a terra” e “todos os povos” sob a cruz de Cristo “até à consumação do século” (cf. Mt 28.18-20). O historiador da cultura Sérgio

Buarque de Holanda descreveu toda a história da conquista do Brasil (e implicitamente de ambas as Américas) como realização do sonho europeu do paraíso<sup>13</sup>. Nesse contexto tornam-se importantes a primazia ontológica do ser humano sobre todos os seres criados e sua distância insuperável em relação à natureza<sup>14</sup>.

A autocompreensão humana dá um novo salto na sociedade industrial em surgimento. As ciências naturais e tecnologias e formas de produção nelas baseadas, bem como a autonomia do indivíduo a elas associada, produzem uma compreensão de domínio que converte o mundo todo em mero material para o ímpeto criador humano. Nasce o *homo faber* sem limites. Horst E. Richter fala da ilusão de onipotência que se estabeleceu nessa fase, mas logo topou com os limites da realidade e — após a morte de Deus no racionalismo moderno — deixou o ser humano para trás como uma criança autista que precisa compensar um horrível vácuo de falta de relações através de atos de poder próprios e divinos<sup>15</sup>. Por via de regra, os comentários de Gênesis dos séculos XIX e XX destacam a absoluta primazia do ser humano e derivam dela seu poder total de dispor da natureza<sup>16</sup>. Como exemplo citamos Gerhard von Rad, um venerável professor e colega do pós-guerra, que diz o seguinte sobre Gn 1.26-28:

Fala-se menos da própria dádiva do que da tarefa. Esta está claramente delineada: senhorio no mundo, especialmente sobre o mundo dos animais. Essa incumbência de senhorio não faz parte ainda da definição da semelhança de Deus; ela é, antes, a consequência, i. é, aquilo para o qual o ser humano está habilitado por ela. A estreita ligação do conceito de semelhança de Deus com o de incumbência de exercer um senhorio apresenta-se para nós (...) de modo bem natural: assim como reis terrenos colocam, em províncias de seu reino nas quais eles não entram e saem pessoalmente, uma imagem sua como símbolo de sua pretensão de senhorio, da mesma maneira o ser humano em sua semelhança de Deus está colocado na terra como insígnia de Deus. Ele é verdadeiramente o mandatário de Deus, conclamado a defender e impor a pretensão divina de senhorio na terra. O aspecto decisivo de sua semelhança de Deus é, portanto, sua função para com o mundo extra-humano. As expressões usadas para designar a execução desse senhorio são conspicuamente fortes (...) “pisar”, “pisotear” (os lagares, p. ex.) (...) “calcar aos pés”. Assim, a criação do ser humano tem, retroativamente, importância para toda a criação extra-humana ao lhe dar uma nova relacionalidade para com Deus. Além de sua proveniência de Deus, a criação recebe, através do ser humano, um direcionamento para Deus; em todo caso ela recebe, através do senhorio do ser humano, mais uma vez a dignidade de uma área especial de soberania divina.<sup>17</sup>

Entende Gerhard von Rad, o grande expoente de sua disciplina, o texto corretamente? Ou apenas se adapta à concepção geral da época acerca da importância do ser humano? A supremacia do ser humano na terra está agora — sob o ímpeto do desenvolvimento tecnológico dos últimos 200 anos — concebida de modo abrangente e básico. Todos os conceitos que aparecem no texto sobre a criação foram privados de limites, estando generalizados e absolutizados. O sentido restrito dos enunciados originais não é mais percebido. Em minha opinião, Gerhard von Rad não atina com o sentido original da estória da criação e

bloqueia a discussão necessária. Hermann Gunkel, um biblista mais antigo, divisa na bênção de Gn 1.28 “palavras poderosas, o programa de toda uma história da cultura do gênero humano!”<sup>18</sup>.

#### 4

O colapso catastrófico do senhorio humano sobre a natureza e as perguntas críticas, por ele motivadas, de pessoas pensativas nos obrigam a fazer um inventário fundamental de nossa fé na criação. Acaso foi um funesto descaminho o papel do ser humano como coroa da criação, que se desenvolveu, a partir de um início modesto, com o aprofundamento da ambição de poder da civilização ocidental? Podemos nós, retomando os enunciados acerca do pleno poder, muito limitados e relativizados no cânone hebraico em conexão com outras correntes de pensamento antropológico, obter um novo fundamento para nossa própria posição de fé?

Estamos, ao que tudo indica, diante de um profundo dilema. Em todos os níveis culturais, a ação humana se caracteriza por um poderio e uma liberdade que levam forçosamente ao *uso* planejado, i. é, à manipulação de recursos naturais de toda espécie, incluindo o mundo vital. Nos níveis mais inferiores de uma vida ligada à natureza as pessoas talvez se insiram quase sem rupturas na natureza. O atual estágio da população mundial e dos conhecimentos científicos e técnicos alcançados não permite um retorno à forma de vida e produção ligada à natureza. Vamos ter que (con)viver — ou mais provavelmente: morrer — com nosso conhecimento e poder. Pois justamente o modo de vida de que cremos necessitar para manter nossa existência nos leva, de maneira contraprodutiva, a gastar possibilidades de vida cada vez mais depressa e irreparavelmente. As sociedades industrializadas — inclusive seus componentes mais fracos, como os /as estudantes —, que dão o tom neste mundo, colocam o horizonte de expectativas para uma vida digna num nível tão alto que o ecossistema do planeta entraria instantaneamente em colapso se os dois terços restantes da humanidade participassem desse padrão de vida. O mundo só sobrevive no momento ainda porque apenas nós, a minoria dos países industrializados, temos à disposição bens de consumo e energia (super)abundantes e porque dois a três bilhões de pessoas passam fome para nós. Em minha opinião, nem mesmo a técnica mais branda e cuidadosa poderia proporcionar nosso padrão de vida a todos os seis bilhões de pessoas sem arruinar imediatamente o planeta.

Visto que nós, porém, precisamos manter a esperança, mesmo contra todo prognóstico sensato, defendo a tentativa de uma reorientação na teologia da criação. O ser humano não é a “coroa” da criação, como a tradição cristã o destacou de modo cada vez mais presunçoso. Ele não está contraposto qualitativamente ao “outro mundo vital” como senhor absoluto, vice-deus ou mesmo

apenas plenipotenciário em festas de matança de vítimas sacrificais. O que o une aos seres vivos, e mais: ao mundo das plantas e ao mundo anorgânico, é muito mais do que aquilo que o separa deles. Ele compartilha com a criação de Deus não só toda a sua existência física, mas também e sobretudo o destino comum, em grande parte provocado por ele mesmo (é o que também já diz Gn 3.17-19!). A partir da antiga postura de senhorio não se consegue mais obter uma ética de sobrevivência para nosso mundo de hoje. A única saída residiria na elaboração de uma ética da criação que atribua dignidade e singularidade a todas as coisas criadas e destine ao ser humano um lugar, com os mesmos direitos, *ao lado* das outras criaturas. Essa ética da “colocação ao lado” tem um fundamento mais forte no Antigo Testamento do que a ética da subordinação hierárquica. A súbita introdução de tal modelo verdadeiramente ecológico, porém, faria com que nosso atual sistema sofresse um colapso mais radical do que a desorganização do sistema existente na União Soviética decorrente da guinada lá acontecida. Portanto, uma remodelação de todas as condições de vida precisaria de muito tempo — depois que as classes dominantes estivessem amplamente dispostas a desenvolver-se para trás em termos econômicos —, e dificilmente ainda dispomos desse tempo.

Permanece a pergunta atormentadora: por que especialmente os biblistas cristãos se apoiaram durante séculos num versículo bíblico isolado e o utilizaram de modo inteiramente diverso do que seus vários contextos pretendiam, para legitimar e fomentar sua fome de poder<sup>19</sup>? Não podiam eles ler a Sagrada Escritura em seu contexto e na totalidade de seu testemunho? Não estavam conscientes das tentações representadas pelos meios de poder emergentes — desde as ferramentas teóricas da física, matemática e astronomia até os subsídios técnicos que se tornavam cada vez mais fortes? Tinham que fazer as antiqüíssimas estórias da fé servir aos propósitos deles? E por que não reconheceram os enunciados com um direcionamento claramente diferente sobre a arrogância humana (cf., p. ex., Gn 11, a torre de Babel), o amor justamente aos fracos e explorados, ordenado com tanta freqüência na Bíblia? Sei que nenhum texto bíblico pode ser transferido direta e simplesmente para nossa situação de hoje. Entretanto, ele pode em todo caso ser um impulso para percebermos nossa situação à beira do abismo e principalmente para repensarmos o moderno relacionamento suicida com a natureza. O já mencionado salmo 104 delineia um quadro ideal, proveniente do âmbito da Antiguidade e da Bíblia, da integração do ser humano na natureza. O mundo constitui (segundo o modelo do Egito Antigo) um sistema abrangente e harmonioso, no qual o ser humano ocupa um pequeno espaço; à noite ele deixa o terreno por conta dos animais de rapina:

Tu lançaste os fundamentos da terra.

Ela não reventará nem no tempo nem na eternidade.

Certa vez a torrente primordial a cobria como uma toalha;  
as águas ficaram acima das montanhas.

Quando as ameaçaste, elas recuaram.

Bateram em retirada à voz de teu trovão.  
Fugiram para os montes, precipitaram-se pelos vales  
exatamente até o lugar que lhes havias destinado.  
Puseste-lhes uma divisa que não ultrapassarão.  
Não podem mais inundar a terra.  
És tu que fazes rebentar as fontes no vale;  
elas correm por entre os montes.  
Dão de beber aos animais do campo.  
Os animais selvagens matam sua sede.  
As aves do céu lá fazem seus ninhos;  
gorjeiam nos ramos.  
És tu que regas as montanhas do alto;  
o mundo farta-se por tua atuação.  
És tu que fazes crescer a relva para os animais  
e plantas verdes para o ser humano.  
(Ele precisa trabalhar para tirar alimento da terra.)  
Dás o vinho que alegra as pessoas,  
de modo que o azeite brilha nos rostos;  
dás o pão que fortalece o ser humano.  
As árvores gigantes saciam sua sede,  
os cedros do Líbano que tu, Senhor, plantaste.  
As aves fazem neles sua morada.  
A cegonha faz seu ninho em ciprestes.  
Os altos montes pertencem aos cabritos monteses.  
As rochas servem de refúgio aos arganazes.

És tu que fizeste a lua,  
para que se possa medir o tempo,  
e o sol, que conhece o lugar de seu ocaso.  
Ordenas que haja trevas, e vem a noite.  
Então movem-se os animais da floresta.  
Os leõezinhos rugem pela presa;  
pedem de Deus seu alimento.  
Quando o sol desponta, eles se retiram  
e se acomodam em seus covis.  
Então o ser humano sai para seu trabalho  
e trabalha até o cair da noite.

(Sl 104.5-23, segundo a tradução de E. Gerstenberger e J. Kutzler, *Zu Hilfe, mein Gott!*, 4. ed., Neukirchen, 1989.)

## Notas

- 1 Ap. Paulo SUESS, coord., *A Conquista Espiritual da América Espanhola*, Petrópolis, Vozes, 1992, p. 673.
- 2 Como é sabido, a história da Idade Média se caracteriza pela intensa disputa entre o imperador

- e o papa em torno da supremacia. Gregório VII, Inocêncio III, etc. são nomes de papas grandes e obcecados pelo poder que não ficaram muito aquém do domínio mundano.
- 3 Cf. Paulo SUESS, coord., op. cit., p. 246-254: três bulas dos anos de 1493 e 1501 nas quais Alexandre VI concede aos monarcas portugueses e espanhóis os direitos de administrar os territórios recém descobertos.
  - 4 Karlheinz DESCHNER, *Kriminalgeschichte des Christentums*, 10 vols., Hamburg, 1988ss.
  - 5 Carl AMERY, *Das Ende der Vorsehung; die gnadenlosen Folgen des Christentums*, Hamburg, 1972 (cf. nota seguinte).
  - 6 Cf. ibid.; ID., *Die ökologische Chance; das Ende der Vorsehung*, München, 1985.
  - 7 “Disse Javé a meu senhor (i. é, ao rei): Assenta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos debaixo de teus pés.” Trata-se de uma imagem de governo messiânico exclusivo (SI 110.1).
  - 8 Na estória da criação a “terra” é intimada duas vezes por Deus a produzir vida (vv. 11, 24): isto são resquícios cheios de expressões mitológicas, nas quais a “terra” é idêntica à mãe primordial da vida.
  - 9 Só rabinos menos ortodoxos como Jesus podiam dizer: “O ser humano não foi criado por causa do sábado, mas o sábado por causa do ser humano”, invertendo assim a ordem sacerdotal.
  - 10 Cf. Arnold GEHLEN, *Der Mensch; seine Natur und seine Stellung in der Welt*, Frankfurt, 1962, p. 38: “O ser humano é, para ser apto à existência, construído com vistas à recreação e domínio da natureza (...).” (Cit. ap. Günter ALTNER, *Die grosse Kollision*, Graz, 1987, p. 29.)
  - 11 Cf. Dieter BORIS, *Ursprünge der europäischen Welteroberung*, Heilbronn, 1992; Urs BITTERLI, *Die Entdeckung Amerikas*, München, 1991.
  - 12 Segundo Udo KROLZIG, *Die Wirkungsgeschichte von Gen 1,28*, in: Günter ALTNER, *Ökologische Theologie; Perspektiven zur Orientierung*, Stuttgart, 1989, p. 149-163, aqui p. 155. Cf. também o escrito de Pico della MIRANDOLA “Sobre a Dignidade do Ser Humano” (*Oratio de hominis dignitate*, 1486); Uelli HASLER, *Beherrschte Natur*, 1982.
  - 13 Sérgio Buarque de HOLANDA, *Visão do paraíso; os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil* (1959), 2. ed., São Paulo, 1969; cf. também a bibliografia norte-americana sobre o tema: Alan HEIMERT, *Puritanism, the Wilderness and the Frontier*, *New England Quarterly*, 26, 1953; Charles L. SANFORD, *The Quest for Paradise; European and American Moral Imagination*, Urbana, 1961; George H. WILLIAMS, *Wilderness and Paradise in Christian Thought*, New York, 1962; Mircea ELIADE, *Paradise and Utopia; Mythical Geography and Eschatology*, in: Frank E. MANUEL, ed., *Utopia and Utopian Thought*, Boston, 1966, p. 261ss.; E. Bartlett GIAMATTI, *The Earthly Paradise and the Renaissance Epic*, Princeton, 1966; recentemente o tema foi tratado em termos da história do pensamento, da religião e da economia pelo autor português Vitoriano Magalhães GODINHO, *Mito e mercadoria; Utopia e Prática de Navegar, Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, 1990.
  - 14 Sérgio Buarque de HOLANDA, op. cit., p. 182, ele se refere a Giovanni Pico della MIRANDOLA, *Oratio de hominis dignitate* (v. supra nota 12); Udo KROLZIG, op. cit. (nota 12).
  - 15 Horst E. RICHTER, *Der Gotteskomplex*, Hamburg, 1979.
  - 16 Cf. Uelli HASLER, op. cit. (nota 12).
  - 17 Gerhard VON RAD, *Das erste Buch Mose/Genesis*, 9. ed., Göttingen, 1972, p. 39 (AT D, 2/4).
  - 18 Hermann GUNKEL, *Genesis* (1901), 7. ed., Göttingen, 1966, p. 113 (HAT, I,1); cf. também os comentários de Heinrich HOLZINGER, *Genesis*, 1898; August DILLMANN, *Genesis*, 6. ed., 1892; Otto PROCKSCH, *Die Genesis*, Leipzig, 1913, p. 432s. (KAT, I): “O fato de que justamente o mundo animal lhe esteja subordinado, o mundo inanimado não seja mencionado, indica que ele tem um direito não só à posse, mas à vida dos animais (...).”

19 Quanto à subordinação da mulher ao homem, cf. Erhard S. GERSTENBERGER, *Jahwe — ein patriarchaler Gott?*, Stuttgart, 1988.

Erhard S. Gerstenberger  
Fasanenweg 29  
35394 Giessen  
República Federal da Alemanha